

Sobre a metafísica da adaptação

About the metaphysics of adaptation

Kostas E. BEYS

(Professor Emérito da Universidade de Atenas-
Diretor do Centro de Estudos Jurídicos Theophania)

Resumo

O autor aborda o tema da evolução humana a partir das contribuições da ciência contemporânea , mostrando os laços entre os resultados das investigações atuais e a tradição filosófica de inspiração platônica

Palavras-chave: evolução – DNA – Platão - metafísica

Abstract

The author addresses the issue of human evolution from the contributions of contemporary science, showing the links between the results of current research and the philosophical Tradition of Platonic inspiration.

Keywords: evolution, DNA, Platon, metaphysics.

De acordo com o conhecimento científico atual, os primeiros sinais de vida na Terra surgiram, aproximadamente, há 4 ou 5 bilhões de anos, quando, a partir dos aminoácidos originaram-se moléculas orgânicas “protobactérias”. Muito mais tarde estas moléculas adquiriram núcleo, que herdou seu código genético, mais conhecido como DNA, que desde então sofreu contínua evolução e enriquecimento. A partir destas premissas e através de condições inexoráveis de extinção, mas também de uma persistente resistência de adaptação e

sobrevivência, ocorreu a junção de mais células em organismos multicelulares dentro das águas geladas do oceano, a formação gradual do esqueleto, as diversidades do mundo animal e ainda, mais especificamente, a evolução do seres de forma humana primitivos (há 4 ou 5 milhões de anos) desde o homo erectus e do homo habilis até as espécies recentes de homo sapiens, há 30 ou 50 mil anos. Esta trajetória de vida na terra deu-se através da prontidão dos genes de resistência, levando a uma nova adaptação do mecanismo físico. Talvez o leitor observe que o desejo

de resistência pressupõe o funcionamento cerebral, do qual nossos antepassados mais distantes não dispunham. Deste modo omite-se o fato de que a força de adaptação não decorre apenas do estímulo cerebral. Ela pode decorrer da programação genética (DNA), cuja descoberta está inserida em nossos dias, no entanto, na dimensão filosófica Platão já havia falado a respeito, e ainda em diversas de suas obras ele fazia uso, repetidamente, do verbo *πέφυκε* (pefyke : inato, inerente), com o sentido de que esta programação está inscrita dentro de nós: «**οὕτως ημῖν κατὰ φύσιν πέφυκεν**» (*Leis*, 733 a 7)¹, com especial ênfase em nossa programação inata, não apenas para o belo e o ideal, p.ex. o reconhecimento «**πέφυκε της ψυχής ημῶν δύναμις εράν τε του αληθοῦς και πάντα ἐνεκα τούτου πράττειν**» (*Filebo*, 58 d 4-5)², mas também no fato de odiarmos passionalmente tudo o que nos prejudica ou nos ameaça: «**πέφυκεν Ερωσ μισείν**» (*Banquete*, 195 b 3)³.

Nas reuniões natalinas do nosso grupo de amigos, onde foram formuladas estas teses, por ocasião dos recentes acontecimentos tempestuosos, alguém contra-argumentou que a incitação da chamada paixão inerente pelo ódio encorajou os atos incendiários e os saques aos estabelecimentos. A discussão se conteve no antípoda da falência global das instituições através da atitude espoliativa de seus administradores, como motivo desencadeador do levante. A palavra, no entanto, voltou para a dimensão filosófica, quando uma outra pessoa mencionou que, segundo Platão, a nostalgia do homem pelo divino, tem suas raízes também em nossa programação genética, ou seja, nossa alma, pela própria natureza, está programada a sentir nostalgia, como uma asa que deseja voar alto, naquele mundo transcendental buscando encontrar-se com o divino, como o mostra o silogismo conciso das idéias

mais elevadas da beleza, da sabedoria e da bondade (*Fedro*, 246 d 6- e 2: «**πέφυκεν η πτερού δύναμις (...)** άγειν άνω (...)**ή το των θεών γένος οικεί (...), το δε θεϊον καλόν, σοφόν, αγαθόν**»]⁴. Desta maneira explica-se, porque e como, apesar das terríveis anomalias que vivemos não nos falta a coragem e não estamos dispostos a condenar de maneira unilateral as vozes de indignação e reação de nossos filhos pelas ruas incendiadas. Os jovens se apropriaram do movimento de indignação, já que seus pais não puderam sair do sistema apodrecido. A reação é inevitável, uma vez que, muito antes de Platão, Heráclito, eminente filósofo pré-socrático e também sacerdote discreto de Apolo efésio, havia salientado que tudo conflui dentro de um contexto de incessante conflito. A perpétua alotropia espiral do universo físico / natural e do comportamento humano compõe uma unidade estável das oposições, de modo que, por fim, predomine “o interesse adverso”, que resulta no surgimento da “belíssima harmonia emergente dos opostos” e que por fim se revela por meio de intensas rivalidades “e que se possa fazer tudo com discórdia” (DIELS-KRANZ, I 152, 8-10)⁵.

Ao ouvir esta colocação, um amigo que participava da reunião natalina, quis me provocar, e disse que, apesar dos ataques, dos incêndios e da fumaça que invadiram os noticiários da televisão, transmitidos inclusive no exterior, eu ousei e vivenciei, com certa apatia, momentos de elevação filosófica e de exaltação metafísica. Ao concordar com o que dizia, ele se mostrou surpreso e, então, lhe relatei que, na pequena igreja de Nossa Senhora o coral misto do brilhante compositor e professor de música, Nikos Fylachtos, cantava, literalmente, com vozes angelicais que nos transportaram para outros mundos. Panagiotis, meu bom e sério amigo, desde a época do curso de

¹ PLATÃO. *Leis*, 733 a 7 : assim somos submetidos à natureza

² id., *Filebo*, 58 d 4-5: desta potência de nossa alma que nasceu para desejar o verdadeiro e fazer tudo em vista deste

³ id., *O Banquete*, 195 b 3: é natural o Amor odiar

⁴ id., *Fedro*, 246 d 6 – e 2: inscrita no dinamismo da asa (...) busca conduzir (...) onde a raça dos deuses habita (...) ao divino que é belo, sábio, bom.

⁵ O autor faz referência à célebre edição dos fragmentos dos Pré-socráticos, mencionando explicitamente um fragmento de Heráclito (N. Ed.)

pós-graduação em Mônaco, me escreveu o seguinte: “Não sentia tamanho estado de glória dentro de uma igreja desde que eu era criança. Sentir que a palavra ouvida não é terrena e corriqueira (...). Me lembro que, ao ouvir *A Paixão segundo São João* e *A Paixão segundo São Mateus* em Mônaco, disse: o que Bach contribuiu com sua música para a religião cristã, seu clero não pôde contribuir ao longo de 2000 anos”. Semelhantes emoções haviam me perpassado uma semana antes, no pequeno morro batido pelo vento que fica atrás da Rocha de Zalongou. Na pequena igreja de São Jorge juntamente com 34 moradores que ainda restaram na aldeia, haviam chegado também de regiões mais próximas e mais distantes mais umas tantas pessoas para subir a escada mágica que transporta os habitantes da terra para o céu através dos hinos religiosos do coral de sons multicoloridos.

As pessoas iniciam sua caminhada de Preveza, ainda de madrugada – e hoje através do orvalho do inverno e da neblina das montanhas sinuosas. Desta vez o carro do Spyros que levava o pequeno harmônio, bateu contra uma pequena rocha que havia deslizado da extremidade da rua escura. O pneu do carro furou e o carro sofreu avarias, felizmente sem fazer vítimas. Chegaram atrasados e cantaram com tanta devoção que nada tinha a invejar da experiência mágica que vivenciávamos nos tempos de juventude, quando ouvíamos as obras primas de Haendel, de Bach e de Mozart nas igrejas alemãs.

(tradução língua neo-helênica: Helena Szalis - Centro Kavafys de Cultura Helênica; tradução das citações em grego antigo: Luiz Alberto Cabral - Centro Kavafys de Cultura Helênica /UNICAMP)

